

# POESIA GREGA E LATINA

*Seleção, notas e tradução  
direta do Grego e do Latim por*  
PÉRICLES EUGÊNIO DA SILVA RAMOS

*Apresentação e Apêndice*  
RAFAEL BRUNHARA

2ª edição  
2022



Copyright © 2022 - Herdeiros de Péricles Eugênio da Silva Ramos

1ª. Edição 1964, Editora Cultrix

2ª. Edição 2022, Editora Madamu

Editores

Marcelo Toledo e Valéria Toledo

Projeto Gráfico

KOPR Comunicação

Imagem da Capa: *Bacchus [Dionysus]*. Gravura de M. Dorigny, 1645, a partir de ilustração de S. Vouet. Wellcome Collection, UK.

*Todos os direitos reservados à Editora Madamu  
Rua Terenas, 66, conjunto 6, Alto da Mooca, São Paulo, SP  
CEP 03128-010 - Fone: (11) 2966 8497  
[www.madamu.com.br](http://www.madamu.com.br)  
E-mail: [leitor@madamu.com.br](mailto:leitor@madamu.com.br)*

P441p Ramos, Péricles Eugênio da Silva (1919-1992)

Poesia Grega e Latina / Seleção, notas e tradução direta do Grego e do Latim por Péricles Eugênio da Silva Ramos. Apresentação e Apêndice por Rafael Brunhara. - 2ª. ed.. - São Paulo: Editora Madamu, 2022.

228 p., 14 x 21cm  
ISBN 978-65-86224-24-5

1. Poesia Lírica Grega Clássica. I. Título. II. Autor.

CDD: 884

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Poesia Lírica Grega Clássica. I. Título. II. Autor.

884

# Índice

*Apresentação da 1ª. edição* (orelha do livro de 1964), 9.

*Apresentação à 2ª. edição* – Rafael Brunhara, 11.

*Advertência* – Péricles Eugênio da Silva Ramos, 29.

## POESIA GREGA

HESÍODO: *Verão*, 35.

ARQUÍLOCO: *Com a Lança*, 37; *Sombras*, 38; *O Eclipse*, 39;  
*A grande arte*, 40; *A Glauco*, 41.

ALCMÃ: *Partênio*, 43; *Noite*, 45; *Martim-Pescador*, 46.

MIMNERMO: *Sem a Afrodite de ouro*, 49;

*Como as Folhas que brotam*, 50; *Ao Sol Todos os Dias*, 51.

SEMÔNIDES DE AMORGOS: *A insciência do homem*, 53.

HÍBRIAS: *Minha Grande Riqueza*, 55.

SÓLON: *Felicidade*, 57.

ESTESÍCORO: *O Hiperiônide Sol*, 59; *Helena*, 60; *Primavera*, 61.

ALCEU: *Ao Hebro*, 63; *Primavera*, 64; *A Cidade*, 65;

*Convite*, 66; *Vinham os pássaros*, 67;

*Palavras de Alceu a Safo e Resposta de Safo a Alceu*, 68-69.

SAFO: *Contemplo Como o igual dos Próprios Deuses*, 71;

*Eu vos rogo, ó cretenses*, 72; *Para Anactória*, 73;

*Quando eu te vejo*, 75; *O amor*, 76; *As rosas de Piéria*, 77;

*Para Átis*, 78; *A lua já se pôs*, 80; *Para Mnesídice*, 81;

*Como a doce maçã, 82; Como o jacinto, 83.*

ÍBICO: *Na primavera, 85; De novo o Amor, 86;*

*Sobre as mais altas folhas, 87; Temo adquirir, 88;*

*Dois fragmentos, 89.*

ANACREONTE: *A bola vermelha, 91; Galgo o rochedo, 92;*

*Olhos meigos, 93; Amargura, 94; Trazê água, jovem, 95;*

*Moderação, 96; A moça esquiva, 97; Agatão, 98; Oferenda, 99.*

TEÓGNIS: *A melhor coisa, 101; Do amor, 102;*

*Meu coração, Mantém-te jovem, 103;*

*Ninguém, ó Cirno, causa, 104.*

SIMÔNIDES DE CEOS:

*Aos que morreram nas Termópilas, 107; Instabilidade, 108;*

*Pequena é a força do homem, 109; Sem os deuses, 110;*

*Do Epinício para Anaxilas de Régio, 111; Orfeu, 112;*

*Sobre a batalha de Maratona, 113;*

*Os que salvaram Tégea, 114; Epitáfio, 115;*

*Inscrição no altar de Plateia, 116.*

PÍNDARO: *O sonho de uma sombra, 119; Sabedoria, 120;*

*De uma só raça, 121; Vim para celebrar, 122; O Elísio, 123.*

BAQUÍLIDES: *A paz, 125; O mergulho de Teseu, 126;*

*Agora como sempre, 128; Ninguém pode manchar o céu, 129.*

PRAXILA: *Resposta de Adônis, 131; Os covardes, 132;*

*O escorpião, 133; Um rosto, 134.*

ÍON DE QUIOS: *O vinho, 137; Estrela da manhã, 138.*

MELANÍPIDES: *Danaides, 141.*

TIMÓTEO: *Não canto velhos cantos, 143; Do Ciclope, 144.*

LÂMINAS ÓRFICAS: *Lâmina de Petélia, 147;*

*Lâminas de Compagno (Thurium), 148.*

FILÓXENO DE CITERA: *Galateia*, 151.  
LICOFRÔNIDES: *Pudor*, 153; *Oferenda*, 154.  
ERINA: *Epitáfio*, 157.  
TEÓCRITO: *Aroma de outono*, 159; *Hilas*, 160.  
ANTOLOGIA PALATINA: *De Platão*, 163; *De Meleagro*, 164;  
*De Paulo, o silenciário*, 165.

## POESIA LATINA

CATULO: *O pardal de Lésbia*, 169; *Vivamos, minha Lésbia*, 170;  
*Fúrio e Aurélio, que iríeis com Catulo...*, 171; *Volta ao lar*, 173;  
*Diz a amada...*, 174.  
HORÁCIO: *Não indagues, Leucónoe*, 177; *Lálage*, 178;  
*Luxo persa*, 180; *A fonte de Bandúsia*, 181; *A Fauno*, 182;  
*Aere Perennius*, 183.  
TIBULO: *A bela Sulpícia*, 185.  
PROPÉRCIO: *Da morte e do amante*, 189.  
OVÍDIO: *O poder da poesia*, 191.  
PETRÔNIO: *Vida campestre*, 195; *O verdadeiro prazer*, 196.  
A VIGÍLIA DE VÊNUS (Pervigilium Veneris):  
*A vigília de Vênus*, 199.  
PENTÁDIO: *Elegia: à chegada da primavera*, 207.  
AUSÔNIO: *Anoitecer sobre o Mosela*, 209;  
*Erram na vasta brenha...*, 210.  
MS. DE S. RÉMY, EM RHEIMS: *A bela e o sonho*, 213.

*Apêndice – Os poemas da Poesia Grega e Latina*, 215.  
*Sobre o tradutor*, 225.

# Apresentação da 1ª. edição

*(texto da orelha do livro de 1964)*

**D**o mesmo modo que em diversos outros setores da cultura, a influência da Grécia e de Roma sempre se fez sentir de forma permanente e profunda sobre a poesia ocidental, notadamente a partir do Renascimento, quando a imitação dos modelos antigos se constituiu em norma da atividade literária e artística, já que eram reputados como que o limite de perfeição alcançado pelo gênio humano. Da Renascença aos dias atuais, embora de maneira mais difusa e menos categórica, a poesia greco-latina continuou a inspirar e a interessar os poetas do Ocidente, que a cada geração lhe redescobrem a perene atualidade.

Se a épica foi o contributo da Antiguidade mais estimado pelos autores do Classicismo europeu, a lírica é o que hoje mais de perto fala à nossa sensibilidade. Em linguagem miraculosamente despojada (segundo o crítico Cecil M. Bowra, Alceu e Safo elevaram a simplicidade da linguagem comum “ao mais alto grau de expressividade”), os líricos da Grécia e de Roma alcançaram fixar momentos de beleza e de emoção que nos tocam tão intensamente quanto se fossem obra de contemporâneos nossos. Daí a inteira “legibilidade” desta antologia organizada pelo poeta Péricles Eu-

gênio da Silva Ramos, que escolheu e traduziu diretamente do Grego e do Latim cento e treze poemas líricos de trinta e cinco poetas diferentes, sobre cada um dos quais escreveu uma pequena nota biográfica, para melhor informação do leitor.

Tradutor sensível e talentoso, Péricles Eugênio da Silva Ramos conseguiu alcançar plenamente nesta coletânea o objetivo a que se propôs quando empreendeu organizá-la: *“transmitir ao leitor de nossos dias, de modo acessível e em linguagem fiel, embora a mais simples e viva possível, alguns retalhos daquela grande alma antiga que nutriu por tantos séculos o pensamento ocidental — e ainda o nutre, em suas bases mais legítimas”*.

# Apresentação à 2ª. edição

## A Grande Arte de Péricles Eugênio da Silva Ramos<sup>1</sup>

por Rafael Brunhara<sup>2</sup>

“Muitos anos antes de Cristo havia na Grécia um poeta,  
Arquíloco, que dizia: ‘Tenho uma grande arte:  
eu firo duramente aqueles que me ferem’.”  
“Às vezes você parece maluco. Não sei do que você está falando.”  
“Minha arte é maior ainda: eu amo aqueles que me amam.”

Rubem Fonseca - *A Grande Arte*

**N**as últimas décadas, uma questão que vem ganhando novos contornos e respostas é a da recepção da tradução. Dizendo de outro modo, estamos falando de compre-

---

1. Este texto recupera em parte a discussão realizada em Brunhara (2021).

2. Professor de Língua e Literatura Grega na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ender a literatura traduzida como parte da História da nossa própria literatura vernácula. Admitir o papel de obras em tradução no enriquecimento de nossa literatura eleva a figura do tradutor ao lugar que lhe é de direito: não mero transportador de significados de uma língua para outra, mas ele mesmo um artista que faz escolhas, recria, enriquece a sua língua e, especialmente, influencia outros escritores, sejam tradutores ou não. Busca-se, enfim, reconhecer que a literatura traduzida, *enquanto tradução*, também pode participar da constituição do sistema literário de uma língua – e é ela um dos principais responsáveis por introduzir o influxo da literatura estrangeira na língua vernácula. Isso nos leva a algumas perguntas que, longe de serem meras curiosidades, contribuem para evidenciar o papel da tradução neste circuito de formação literária: “como certo autor estrangeiro surgiu pela primeira vez em vernáculo?”; “Quem o traduziu?”; “Qual a repercussão desta tradução em nossa literatura?”.

No que concerne à influência do trabalho de Péricles Eugênio da Silva Ramos (1919-1992) e de sua *Poesia Grega e Latina*, o trecho que abre esta apresentação é ilustrativo. Quando o escritor Rubem Fonseca (1925-2020) cita os versos do grego Arquíloco – versos que inspiram até mesmo o título de seu romance – transcreve-os tal como Péricles Eugênio os apresentou em *Poesia Grega e Latina*:

Tenho uma grande arte:  
eu firo duramente  
aqueles que me ferem

Algumas edições de Arquíloco dão este poema como o fragmento número 126 de sua obra, que assim se pode ler, no idioma original, acompanhado de uma tradução meramente informativa:

ἐν δ' ἐπίσταμαι μέγα,  
τὸν κακῶς ἔρδοντα δεινοῖς ἀνταμείβεσθαι κακοῖς.

[*uma <coisa>, porém, eu sei como fazer, grande,  
a quem me faz mal responder com males terríveis*]

Note o leitor o grau de invenção destes mesmos versos na tradução de Péricles Eugênio da Silva Ramos: o que numa tradução informativa, como a lida acima, parece ficar demasiado áspero, rebarbativo e truncado em português, ganha na versão de Péricles agilidade e elegância – graças às apuradas escolhas lexicais e ao uso do hexassílabo, frequente em língua portuguesa, que imprime, além da brevidade, um ritmo ao mesmo tempo conciso e contundente aos versos, características que também não são incomum na poesia de Arquíloco.

Sendo assim, o poeta Arquíloco que Rubem Fonseca leu, conheceu e que inspirou o nome de seu romance foi, antes de tudo, o poeta Péricles Eugênio da Silva Ramos: foi a habilidade do poeta paulista em transpor a matéria e o vigor do fragmento grego de Arquíloco que contribuiu para torná-lo tão memorável em Português.

Célebre por seu trabalho como tradutor, Péricles Eugênio dedicou-se a verter ao português os clássicos da literatura mundial, sobretudo os anglófonos, espanhóis e franceses. *Poesia Grega e La-*

*tina*, uma de suas poucas incursões pela poesia antiga greco-latina, reúne poetas diversos num arco que perfaz aproximadamente toda a chamada Antiguidade Clássica.

Pertencente ao grupo que se autodenominou “Geração de 45” e se definiu pela contraposição à geração modernista de 22 por meio da retomada de uma dicção mais solene, de formas métricas tradicionais e maior disciplina formal (BOSI, 2017, p.497), Péricles ocupa um lugar de importância na história da literatura brasileira. À altura da primeira edição de *Poesia Grega e Latina*, em 1964, o poeta já havia trazido à luz três títulos autorais: *Lamentação floral* (1946), *Sol sem tempo* (1953) e *Lua de ontem* (1960), e tinha uma carreira consolidada como tradutor, que seguia em paralelo à sua produção autoral, tendo-a iniciado em 1950, com a publicação dos *Sonetos* de Shakespeare.

*Poesia Grega e Latina* foi o primeiro trabalho a antologiar e traduzir em larga medida a dita poesia “lírica” da Antiguidade. O que chamamos modernamente lírica é a conjugação do que para os antigos gregos consistia em três gêneros distintos: “mélíca” – “canção” ou “lírica propriamente dita” – poesia entoada ao acompanhamento musical da lira; jambo, poesia de invectiva e agressão verbal; e elegia, poesia composta em dísticos e que era originalmente acompanhada pelo aulo, uma espécie de flauta dupla.

Péricles Eugênio da Silva Ramos tinha a consciência de certo ineditismo desta coletânea no Brasil, como ele anota na “advertência” da obra:

*“Assinale-se, afinal, que nosso trabalho não pretende, de forma alguma, relevar erudição; pretende apenas transmitir ao leitor de nossos dias, de modo acessível e em linguagem fiel, embora a mais simples e viva possível, alguns*

*retalhos daquela grande alma antiga que nutriu por tantos séculos o pensamento ocidental – e ainda o nutre, em suas bases mais legítimas.” (RAMOS, 2022, p.31).*

Com brevidade, Ramos sublinha aí os critérios que norteiam o seu trabalho: uma transmissão acessível, que tenta respeitar o idioma de partida e reproduzir, em vernáculo, o estilo de cada poeta, no entanto sem enveredar-se por minúcias acadêmicas, mantendo esta linguagem “o mais simples e viva possível”. É claro o desejo do poeta-tradutor em fazer uma primeira apresentação desta poesia para “o leitor de nossos dias”, tornando sua obra um primeiro contato com a poesia da Antiguidade. Esta orientação o teria levado a escolher, dentre os mais dificultosos e muitas vezes fragmentados poemas dos líricos gregos, apenas aqueles que mais se aproximassem dos ideais vigentes de poesia e gosto:

*“É óbvio que a seleção ora apresentada traz apenas os excertos que nos pareceram mais eloquentes para a sensibilidade atual. Assim, a antologia não pretende ser mais do que realmente é, uma pequena amostra.” (RAMOS, 2022, p.29).*

Nesse sentido, *Poesia Grega e Latina* ocupa um lugar especial dentro da obra tradutória de Ramos por seu caráter de divulgação e apresentação, o que o eximira de delinear ali um projeto tradutório específico. Segundo Junqueira, em sua tese de doutorado *Uma biobibliografia literária de Péricles Eugênio da Silva Ramos* (2018), as linhas gerais do projeto tradutório de Péricles Eugênio envolviam certa aceitação de intraduzibilidade do origi-

nal, que se resolvia em um processo de recriação que estritamente “parte de um trabalho de compreensão do texto a ser traduzido” (2018, p.259). Essa recriação deve se dar na mesma forma do texto de partida: “um texto poético metrificado só pode traduzir-se em verso, para dar uma ideia do que seja o original” (RAMOS, 1982, p.10). Evidencia-se, assim, nas traduções de Péricles, uma procura por ser fiel à letra – isto é, aos termos semanticamente importantes na língua de partida – mas que seria secundária à emulação da métrica e do ritmo.

Assim, dois pontos parecem estar em jogo no trabalho tradutório de Péricles. O primeiro é a adoção de uma estrutura métrica, posto que a transposição de verso metrificado por verso metrificado lhe era imperiosa. Mesmo quando praticava o verso livre, Ramos o praticava à maneira clássica – prezando a polimetria vinculada a preceitos rítmicos tradicionais – do que o verso liberado de toda a regularidade e limite silábico, praticado amiúde pelos modernistas de 22 (JUNQUEIRA, 2012, p.45). Parece-nos, aliás, este o primeiro ponto de identificação entre as traduções de Péricles e a poesia que ele e a Geração de 45 praticavam: o apreço ao formalismo, revelado em “cuidados métricos e dicção nobre” (BOSI, 2017, p.497). Em segundo lugar, a determinação da estrutura métrica está condicionada à sua possibilidade de acomodar, na transposição, os traços semânticos das palavras do original sem grandes perdas.

Outro fator que nos parece constitutivo nas reflexões de Péricles Eugênio sobre tradução – e nesse ponto seguimos o estudo de Junqueira – é que “a tradução parte de um trabalho de compreensão do texto” (2018, p.258). Não é afirmação simplória: Junqueira argumenta que Ramos se aproxima aqui de uma con-

cepção, posteriormente consagrada por Haroldo de Campos em seu artigo “Da tradução como criação e como crítica”, de que a tarefa do tradutor envolve uma interpretação que não consiste na busca de um sentido verdadeiro, mas que é, ela mesma, produtora de sentidos (2018, p.259). Nas palavras do poeta:

*“Traduzir é, antes do mais, compreender; mas ninguém pode garantir que a nossa compreensão do texto seja exata ou ainda a única exata. Ainda que o fosse, não se poderia respeitar, escrupulosamente, a sonoridade das palavras, nem as evocações que essas palavras despertam com sua simples sonoridade”. (RAMOS, 1970, p.5 apud JUNQUEIRA, 2018, p.255).*

As possibilidades de interpretação, ainda que múltiplas, reduzem-se, na concepção de Péricles, respectivamente, a uma decifração do sentido do texto em sua língua original, de sua intenção e de suas qualidades estéticas. É o que ele afirma, em entrevista concedida a Moacir Amâncio ao Jornal da Tarde e coligida na tese de Junqueira:

*“Traduzir poesia já é uma coisa um bocado mais amarrada. Você tem que pegar um texto original e procurar compreender o texto. Em primeiro lugar, você vai compreendê-lo, é uma questão completamente difícil, porque às vezes você pensa que está escrevendo uma coisa e está escrevendo outra. Isso acontece freqüentemente. Então, você tem de entender o que ele quer; depois ver qual é a*

*qualidade e o nível do texto na língua original”... (RAMOS, 1988, p.8 apud JUNQUEIRA, 2018, p.259).*

Na orelha da edição de 1964 [aqui reproduzida a partir da página 5], Ramos parece ser mais claro em relação à vividez e simplicidade que almejou em *Poesia Grega e Latina*. Ele vê nos poetas líricos gregos e romanos uma “simplicidade de linguagem” que os opõe à poesia épica e aproxima-os de nossa sensibilidade, em termos de emoção e beleza, como se pudéssemos enxergar, graças a esse despojamento de linguagem, uma continuidade entre os líricos antigos e a nossa poesia contemporânea. Para comprovar seus argumentos, menciona o testemunho do estudioso C.M.Bowra, na então recente obra *Greek Lyric Poetry*, de 1961:

*“Se a épica foi o contributo da Antiguidade mais estimado pelos autores do Classicismo europeu, a lírica é o que hoje mais de perto fala à nossa sensibilidade. Em linguagem miraculosamente despojada (segundo C.M.Bowra, Alceu e Safo elevaram a simplicidade da linguagem comum “ao mais alto grau de expressividade”), os líricos da Grécia e de Roma alcançaram fixar momentos de beleza e de emoção que nos tocam tão intensamente quanto se fossem obra de contemporâneos nossos” (RAMOS, 2022, p.9).*

O breve parágrafo nos dá uma concepção tradicional dos gêneros poéticos: oposto à épica por se ocupar de falar à nossa sensibilidade de maneira significativa, a linguagem da lírica, para Péricles Eugênio da Silva Ramos, parece ser entendida como expressiva das afecções e sentimentos de um Eu. Sublinhar o

que na tradição antiga da lírica seja eloquente para uma visão contemporânea do gênero foi a finalidade da coletânea, uma vez que, para o autor, a expressão subjetiva é um critério que interliga a lírica do passado e a atual.

A intenção de *Poesia Grega e Latina* é, ao fim, dar uma notícia, em linguagem poética, dos poetas que representam “a grande alma antiga que nutriu por tantos séculos o pensamento ocidental” (RAMOS, 2022, p.31). Vejamos agora como esta coleção se estrutura e como a tradução transmite os poetas.

\*\*\*

O volume reúne 113 poemas, 92 gregos e 21 latinos. A seleção é bem diversificada, privilegiando o gênero mélico. É interessante notar que, até onde pudemos averiguar, Péricles Eugênio é o primeiro a empregar o termo “mélico” para designar a especificidade do gênero em relação aos demais gêneros também chamados, modernamente, líricos, como o jambo e a elegia. Com isso, *Poesia Grega e Latina* é uma reunião de toda a poesia não-épica e não-dramática grega (excetuando o caso de Hesíodo) bem como dos mais significativos poetas líricos latinos.

O trabalho é pioneiro na escolha dos poetas traduzidos. Todos os poetas gregos da antologia serão lidos pela primeira vez em português, exceto por Safo, Píndaro, Arquíloco, Mimnermo, Hesíodo e Teócrito<sup>3</sup>. O caso de Anacreonte, poeta do final do

---

3. Safo já havia sido traduzida no século XIX, sobretudo por Antônio Ribeiro dos Santos, José Feliciano de Castilho e Antônio José Viale. Uma seleção mais ampla está em *Líricas de Safo*, traduzidas do francês em 1942, por Jamil Almansur Haddad (ver FONTES, 2003, p.149-150); as traduções de Píndaro e Teócrito também remontam ao século XIX, bem como Hesíodo, que contava com uma tradução incompleta de João Félix Pereira, de 1876 (ver MOURA, 2014). Arquíloco e Mimnermo recebem traduções no volume *Elegíacos Gregos* (1941).

séc. VI a.C., é complexo: apesar de sua grande influência na lírica ocidental, as traduções do século XIX não o traduziram de fato, e sim a *Anacreontea*, imitações presentes em uma coletânea que remonta ao século III a.C. Péricles Eugênio limita-se a traduzir os fragmentos atribuídos ao próprio Anacreonte e, sobre a *Anacreontea*, apenas observa que “por vezes, são mais anacreônicas do que as peças do próprio Anacreonte” (2022, p.90). Dos latinos, além dos nomes mais notórios – Catulo, Propércio, Ovídio e Horácio – apresenta-se uma rara seleção de poetas até então pouco ou nunca traduzidos: Ausônio, Petrônio, Pentádio e o extenso poema *Pervigilium Veneris*, de autoria desconhecida.

Ramos não ignora o rigor filológico de suas traduções, embora seja parcimonioso ao tratar de suas escolhas, indicando apenas em alguns pontos de onde provém o texto do qual se serviu para a tradução. Caso significativo é a tradução do poema de Safo “Eu vos rogo, ó cretenses” (2022, p.72), coligido em edições modernas da poeta lésbia como o fragmento 2. A tradução de Péricles é a primeira deste poema em português e, talvez pelo caráter de novidade – o poema havia sido descoberto há poucos anos –, o poeta registra a história de sua descoberta, desde a sua decifração em 1937 pela filóloga Medea Norsa em um óstraco do século II a.C. até a sua publicação em *Greek Literary Papyri Texts*, de Denys Page, em 1941, de onde extrai o texto grego que lhe serviu de base.

Quanto aos outros, dá-nos indícios nas notas de que consultou as edições e as traduções editadas pela *Loeb Classical Library*, feitas por J.M.Edmonds: os três volumes de *Lyra Graeca*, de 1922, reunindo os poetas mélicos, e os dois volumes de poesia elegíaca e jâmbica, *Elegy and Iambus*, de 1931. Para Hesíodo e Arquíloco, cita também os volumes bilíngues da coleção francesa

*Belles Lettres*, de autoria, respectivamente, de Paul Mazon (1951) e André Bonnard e François Lassere (1958). O helenista de Oxford Gilbert Murray (1866-1957) figura como a mais importante referência de Ramos para a compreensão e interpretação dos poetas. Sua obra *A History of Ancient Greek Literature* (1901) é amiúde citada nas breves introduções de cada poeta e deve ter sido a principal fonte em sua elaboração. Outros trabalhos mencionados são os de John G. Griffith (“Early Greek Lyric Poetry”, 1954) e os *Prolegomena to the Studies in Greek Religion* de Jane Harrison (1922), de onde se serviu do capítulo de Murray ali presente para traduzir as Lâminas Órficas (2022, p.146).

Péricles Eugênio demonstra um conhecimento metucioso da metrificação greco-latina, como mostra Oliva Neto (2015, p.154) ao analisar a tradução do dístico elegíaco do poema II, 27 de Propércio (“Da Morte e do Amante”, 2022, p.189), que logra recriar efeitos do verso original servindo-se de metros da tradição vernácula.<sup>4</sup>

Segundo Oliva Neto (2015, p.152), ainda, esta é “a única vez que Péricles Eugênio adotou esse modelo para traduzir o dístico elegíaco antigo”. De fato, os recursos empregados por Péricles para traduzir os poetas da coletânea são variados e em grande medida não têm a preocupação de recriar o ritmo do original tampouco de manter o mesmo número de versos. Outro recurso adotado é dar títulos aos poemas, que muitas vezes cumprem uma função explicativa. Citemos o exemplo do fragmento 1 de Mimnermo, que Ramos intitulou “Sem a Afrodite de Ouro”:

---

4. Em resumo, Ramos “traduz” o hexâmetro datílico latino por um alexandrino perfeito e o “pentâmetro” datílico por um decassílabo heroico para reproduzir o encurtamento das sílabas finais do pentâmetro em relação ao hexâmetro. Este método, aliás, tem larga recepção na tradução de poesia antiga no Brasil, por ser critério recorrentemente adotado por Oliva Neto e seus discípulos, que o consagraram como opção para traduzir o dístico elegíaco.

## SEM A AFRODITE DE OURO

SEM a Afrodite de ouro,  
que vida existe, ou que doçura?  
Melhor morrer, quando eu não mais tiver  
os amores secretos e os presentes  
de puro mel e o leite:  
porque da juventude breves são as flores  
para homens e mulheres.  
Quando chega a velhice dolorosa  
que os belos homens torna repulsivos,  
cruéis preocupações desolam a alma:  
o homem não mais se alegra olhando a luz do sol,  
mas é odioso aos jovens  
e objeto do desprezo das mulheres:  
de tantos males deus cobre a velhice.

A seguir, a comparação com o original grego e uma tradução própria:

*(Grego, ed. Edmonds, 1931)*

τίς δὲ βίος, τί δὲ τερπνὸν ἄτερ χρυσῆς Ἀφροδίτης;  
τεθναίην, ὅτε μοι μηκέτι ταῦτα μέλοι,  
κρυπταδὴ φιλότης καὶ μείλιχα δῶρα καὶ εὐνή,  
οἷ ἤβης ἄνθεα γίγνεται ἀρπαλέα  
ἀνδράσιν ἠδὲ γυναιξίν· ἐπεὶ δ' ὀδυνηρὸν ἐπέλθη  
γῆρας, ὃ τ' αἰσχρὸν ὁμῶς καὶ κακὸν ἄνδρα τιθεῖ,  
αἰεὶ μιν φρένας ἀμφὶ κακαὶ τείρουσι μέριμναι,  
οὐδ' αὐγὰς προσορῶν τέρπεται ἡελίου,  
ἀλλ' ἐχθρὸς μὲν παισίν, ἀτίμαστος δὲ γυναιξίν·  
οὕτως ἀργαλέον γῆρας ἔθηκε θεός.

*(Trad. Ragusa & Brunhara, 2021)*

Que vida, que prazer sem a áurea Afrodite?

Que eu morra, quando isto não mais me interessar:

enlace secreto e doces dons e leito –

tais são da juventude as flores atraentes

a homens e mulheres. Mas quando sobrevém dolorosa

velhice, que similarmente asqueroso e feio faz o homem,

sempre em redor dos sentidos o angustiam vis anseios,

e, olhando a luz do sol, ele não se deleita,

mas é detestável aos meninos e desonrado às mulheres:

assim repugnante o deus dispôs a velhice.

O metro empregado no texto original deste poema é também um dístico elegíaco, como no poema de Propércio, porém Ramos adota um critério diferente. Notamos, da comparação com o texto grego, que o número de versos do original aumenta de dez para catorze, e o poeta adota versos polimétricos, que variam de 6 a 12 sílabas em um andamento predominantemente binário. Oliva Neto lamenta o silêncio do tradutor quanto à sua prática e se questiona porque Ramos não fez como no poema de Propércio “para verter outros poemas gregos e latinos escritos em metro idêntico” (2015, p.152). Temos uma hipótese: assim como em outras de suas traduções poéticas, Ramos buscou em *Poesia Grega e Latina* primeiramente metros que evitassem “o sacrifício essencial ou deveras significativo de palavras” (RAMOS, 1982, p.10) sem necessariamente a intenção de reconstruir com exatidão a estrutura rítmica do texto grego, mas ainda mantendo-se fiel ao seu critério de sempre traduzir textos poéticos metrificados por verso.

Os versos adotados em *Poesia Grega e Latina* se assemelham aos versos livres autorais de Péricles Eugênio, muitos deles marcados pela alternância de 8 a 20 sílabas em ritmo binário, segundo um critério de metrificação silábico-acental que admite sílabas semifortes para realçar tal andamento.<sup>5</sup> O próprio poeta, em sua introdução à *Poesia Quase Completa*, explicita o seu método, também usado em suas traduções dos gregos:

---

5. Ver Junqueira, 2018, pp. 34-56.

*“Já no 1º poema de Lamentação floral, de resto, como em muitos outros desse livro, eu havia sistematizado o meu próprio verso livre, fazendo-o flutuar de oito a vinte sílabas, num ritmo sustentadamente binário. Desconheço precedentes da sistemática de Lamentação floral e Sol sem tempo, bem como do andamento, também binário, dos dois poemas em prosa de Lua de ontem. Mostra isso que o autor não procurava repetir ninguém, mas pelo contrário moldar seu próprio verso livre em bases rítmicas binárias...” (RAMOS, 1972, p. xiii apud JUNQUEIRA, 2018, p.35).*

Mostre-se de exemplo os primeiros versos do poema “Natureza Morta 2”, de *Poesia Quase Completa* (1972), nos quais, de modo similar à sua tradução de Mimnermo, prevalece a polimetria, com versos de 5 a 10 sílabas, em ritmo binário:

*É a mesma sala,  
sombria de terrores e suspeitas,  
coberta pela noite;  
os móveis conhecidos,  
o armário, a mesa, as cadeiras,  
vidros e louças;  
nave quadrada, barca de sombras  
que se desfarão nem bem se fira  
o interruptor.*

O que podemos observar, assim, é que *Poesia Grega e Latina*, publicado já em momento maduro da carreira poética de Péricles Eugênio da Silva Ramos – quatro anos depois de *Lua de Ontem*, uma de suas últimas obras autorais (*Noite da Memória*, último livro, viria à luz apenas em 1988) – é, não só, divulgação da poesia lírica antiga, em grande parte inédita no Brasil, mas também a adequação dessa lírica à nossa sensibilidade e, como se vê, a uma poética pessoal, revelada na grande perícia técnica de um poeta consolidado que se põe, com louvores, a serviço de transmitir a “grande alma” do mundo antigo.

E, agora, depois de muito tempo fora de circulação, o leitor poderá apreciar, nesta nova e cuidadosa edição da Editora Madamu – fidedigna à edição original de 1964 – a poesia lírica reanimada à luz da poética de um dos mais importantes autores da Geração de 45.

## Referências

- BONNARD, A.; LASSERRE, F.. *Archiloche: les fragments*. Paris: Les Belle Lettres, 1958.
- BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2017.
- BOWRA, C. M. Greek lyric poetry. Oxford: Clarendon Press, 1961.
- BRUNHARA, R. “O tradutor benemérito: a poesia grega de Péricles Eugênio da Silva Ramos”. In: FERREIRA, R. M. C.; SÁ, M. E. B. DE. (orgs.). *Escritores e tradutores na literatura brasileira: perspectivas contemporâneas*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2021, p. 165-184.
- EDMONDS, J. M. (ed. e trad.). *Lyra Graeca*. London: W. Heinemann; New York: G.P. Putnam . 1922-27. 3 vols.
- \_\_\_\_\_. (ed. e trad.) *Elegy and Iambus*. London: W. Heinemann; New York: G. P. Putnam, 1931 2 vols.
- DE FALCO, V.; FARIA, A. C. DE. (trads.). *Os elegíacos gregos, de Calino a Crates. Vol.1*. São Paulo: Sociedade Imprensa Brasileira De Brusco & Cia. 1941.
- GRIFFITH, J. “Early Greek Lyric” in PLATNAUER, M. (org.). *Fifty years (and twelve) of classical scholarship*. Oxford: Blackwell, 1968 [1ª ed. 1954], 50-82.
- HARRISON, J., *Prolegomena to the study of greek religion*. Princeton: Princeton University Press, 1922.
- JUNQUEIRA, J. F. P. N. *Uma biobibliografia literária de Péricles Eugênio da Silva Ramos*. Araraquara: Universidade do Estado de São Paulo, 2018. Tese de doutorado.

- \_\_\_\_\_. *Uma revisão da poesia de Péricles Eugênio da Silva Ramos: o ritmo como fator constitutivo*. Araraquara: Universidade do Estado de São Paulo, 2012. Dissertação de mestrado.
- MAZON, P. (ed. e trad.). *Hesíode. Theogonie, Les travaux et les jours, Le Bouclier*. Paris: Belles Lettres. 1951.
- MOURA, A. R.. As Obras e os Dias, por João Felix Pereira. *Nuntius Antiquus*, vol.10, n.2, 2014, p. 5-32. Disponível em <[https://periodicos.ufmg.br/index.php/nuntius\\_antiquus/article/view/17173](https://periodicos.ufmg.br/index.php/nuntius_antiquus/article/view/17173)>. Acessado em 19.06.2020.
- MURRAY, G. A history of ancient greek literature. New York: D.Appleton and Company, 1901.
- OLIVA NETO, J. A. 11 poemas de Propércio (I, 1-11) traduzidos com o verdadeiro dístico elegíaco de Péricles Eugênio da Silva Ramos. *Cadernos de Literatura em Tradução*, n. 15, 2015, p. 151-184.
- PAGE, D. L. (ed. e trad.) *Greek Literary Papyri. Texts, translations and notes*. Cambridge: Harvard University Press, 1942.
- RAGUSA, G.; BRUNHARA, R. *Elegia Grega Arcaica: uma Antologia*. Cotia, SP: Ateliê/Araçoiaba da Serra, SP: Mnêma, 2021.
- RAMOS, P. E. S. *Poesia Grega e Latina*. São Paulo: Madamu, 2022.
- \_\_\_\_\_. *Poesia Quase Completa*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1972.
- \_\_\_\_\_. *Virgílio. Bucólicas*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

## Advertência

**N**o presente volume incluem-se poetas líricos gregos e latinos, se não todos — o que seria tarefa inviável, uma vez que de muitos nos restaram apenas os nomes, sem nenhum fragmento aproveitável para as finalidades desta coletânea —, pelo menos a maior parte daquelas grandes figuras de que se salvou alguma coisa. É óbvio que a seleção ora apresentada traz apenas os excertos que nos pareceram mais eloquentes para a sensibilidade atual. Assim, a antologia não pretende ser mais do que realmente é, uma pequena amostra.

Dos gregos, estão representados os nove grandes mélicos do cânone alexandrino, a saber: Alcma, Alceu, Safo, Estesícoro, Íbico, Anacreonte, Simônides, Píndaro e Baquilides; também dois dos três poetas iâmbicos do cânone, o aventureiro Arquíloco e Semônides de Amorgos, bem como alguns dos mais notáveis elegíacos, como Mimnermo, Sólon, Teógnis. A coleção abre com um poeta didático, Hesíodo, mas com um excerto de *Os Trabalhos e os Dias*

que teve imitação em poeta mélico; e termina com alguns poetas da *Antologia Palatina*, precisamente com Paulo, o Silenciário, depois de passar por vários mélicos menores e por Teócrito, o pai da poesia bucólica.

Dos latinos, traduzimos poemas de Catulo, Horácio, Tibulo, Propércio e Ovídio, bem como de alguns “menores” e o *Per-vigilium Veneris*, o que, se é mostra muito longe de completa, ao menos dá para que se faça uma ideia dos versos dos maiores líricos peninsulares.

A poesia da Hélade e de Roma, principalmente a partir do Renascimento, permeou o lirismo ocidental. Seu alcance e sua variedade de expressão foram tão amplos — apesar das fortes travas conservadoras que eram uma das constantes clássicas — que muitas das “novidades” de hoje ostentam similares que já eram conhecidos na antiguidade helênica: pródromos do “verso livre” (*apolelyména*) e da “poesia concreta” (*technopaignion*) remontam a séculos antes de Cristo: bastaria citar Timóteo e Símiás de Rodes.

Procuramos, ao transpor para nossa língua os nomes próprios, ater-nos às regras de importação, embora às vezes isso não tenha sido possível, para não fugirmos ao uso corrente: assim mantivemos Sólon, em vez de Solão, que talvez chocasse, e deixamos Ion em vez de Ião, por motivo igual.

Vários dos poetas desta crestomatia — colocados pela ordem do seu *floruit* (40 anos) — possuem altíssimo valor: assim o classicista inglês John M. Edmonds não hesita em situar alguns trenos e epítafios de Simônides, com os fragmentos de Safo e versos de Píndaro, entre as mais belas flores vivas do gênio helênico, ao mesmo título que o Partenon ou os diálogos platônicos.

Assinale-se, afinal, que nosso trabalho não pretende, de forma alguma, relevar erudição; pretende apenas transmitir ao leitor de nossos dias, de modo acessível e em linguagem fiel, embora a mais simples e viva possível, alguns retalhos daquela grande alma antiga que nutriu por tantos séculos o pensamento ocidental — e ainda o nutre, em suas bases mais legítimas.

*PÉRICLES EUGÊNIO DA SILVA RAMOS*

*São Paulo, 1964*



# POESIA GREGA

## HESÍODO

*Hesíodo, que provavelmente floresceu no século VIII a.C., adaptou o verso épico a uma poesia em que fala da vida agrícola, da vida real de todos os dias, e dele mesmo — o que era novo na poesia grega, a menos que a nota pessoal já ressoasse na poesia eólia. Quase tudo o que circula a respeito do Poeta é lendário. Segundo os dados constantes de sua obra, o pai dele morava na Eólia, em Cime, donde se deslocou para a Beócia, Foi aí, em Ascra, que Hesíodo nasceu, e lá cultivou os campos e poetou. Um dia atravessou o mar e, na Eubeia, concorreu nos jogos fúnebres em honra de um chefe, Anfídamas; venceu os outros poetas e consagrou às Musas Helicônias a trípode que recebera como prêmio. Morreu em Ascra; quando o lugar foi destruído e os sobreviventes recolhidos a Orcómeno, os habitantes desta cidade, por ordem de um oráculo, levaram também as cinzas de Hesíodo, colocando-as no centro da ágora, em túmulo ao lado do de Míneas, o epônimo da raça.*

*Embora a antiguidade atribuisse numerosas obras a Hesíodo, verdade que controversamente, Pausânias nos informa que no vale das Musas, na Beócia, só se reconhecia como autêntico o poema Os Trabalhos e os Dias. São os versos 582 a 596 desse Poema que damos em tradução.*

## VERÃO<sup>1</sup>

QUANDO floresce o cardo e, na árvore, a cigarra  
verte de sob as asas doce canto estrídulo,  
no tempo em que o verão é fatigante,  
mais gordas veem-se as cabras e melhor o vinho,  
mais sensuais as mulheres, débeis os varões:  
— Sírius lhes queima a fronte e os joelhos, e o calor  
lhes seca a pele. Oh, possa eu ter, nessa ocasião,  
a sombra de uma rocha, vinho bíblino,  
pão e leite de cabras que já desmamaram,  
e carne de novilha que pastou no bosque  
e ainda não deu cria, ou, caso falte,  
de cordeirinhos do primeiro parto.  
E possa eu, para beber o vinho negro,  
à sombra me estender, de coração feliz  
com o meu banquete, e, dando o rosto ao vento oeste,  
junto a fonte perpétua, viva e imperturbada,  
mesclar três partes de água e uma de vinho.

---

1. Esses versos parecem ter sido famosos na antiguidade; a propósito, Proclo cita uma imitação de Alceu (fr. 161 Edmonds; *Lyra Graeca*, I). *Vinho bíblino* — de Bíblina, região da Trácia. “Vin de Biblos” é como traduz Paul Mazon (*Hésiode*, Paris, Les Belles Lettres, 1951). *Cardo*, no verso 1, traduz “scólymos”, que é uma espécie de cardo comestível ou alcachofra.